

QUALIS PERIÓDICOS REFERÊNCIA 2017/18 DA ÁREA COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO: UMA CRÍTICA CONSTRUTIVA AOS SEUS CRITÉRIOS, RESULTADOS E IMPACTOS NA ÁREA

Entre as molas propulsoras do desenvolvimento e dos avanços do ensino e da pesquisa em nível de mestrado e doutorado ao longo de décadas no Brasil, está a avaliação conduzida pela CAPES, responsável por conferir ao Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG) alto padrão de qualidade. Os mecanismos de avaliação passaram por diversos momentos político-econômicos ao longo das últimas décadas os quais influenciaram a proposição de diferentes metodologias. Ressalte-se que as avaliações realizadas ao longo do tempo induziram a criação de cursos de alta qualidade em todo o território nacional, respeitando minimamente as diferenças entre as áreas e as assimetrias regionais. Nesse ínterim, os programas de pós-graduação das áreas de Comunicação e Informação expandiram-se em quantidade e qualidade.

Um dos pilares da avaliação da pós-graduação no Brasil é o Qualis Periódicos, responsável por avaliar periódicos nos quais docentes e discentes vinculados aos programas de pós-graduação (PPG) publicam durante o ciclo de avaliação. Apesar das particularidades de cada uma das áreas do conhecimento, a publicação de artigos científicos em periódicos tem sido um dos principais critérios de avaliação. Dada a relevância da produção intelectual qualificada, mais especificamente da publicação em periódicos com Qualis nos estratos superiores, **o estabelecimento e aplicação de critérios para classificação destes veículos é momento determinante dos resultados da avaliação.** Isso porque "tal classificação tem impacto na pontuação obtida pela produção individual do autor e repercute na avaliação global do PPG". Portanto, vieses, escolhas políticas superficialmente definidas e equívocos no momento de **definição da critérios de qualificação de revistas científicas pode gerar impactos severos e irreversíveis na avaliação de programas de pós-graduação e, até mesmo, na conformação e institucionalização das áreas e campos científicos.**

Para cada uma das áreas de avaliação, os critérios de classificação de periódicos são apresentados em documentos denominados "Relatório do Qualis Periódicos", que são constituídos a partir de conjunto de quesitos básicos estabelecidos no Conselho Técnico Científico da Educação Superior (CTC-ES) e consubstanciados e aplicados por comissão formada pelos coordenadores da área e consultores convidados. O resultado da aplicação dos critérios de avaliação de periódicos é a base para a construção do Qualis Periódicos Referência que será adotado na próxima avaliação quadrienal.

A despeito das diretrizes e políticas gerais estabelecidas pela CTC-ES, constata-se que existe a possibilidade de diálogo democrático no âmbito das áreas do conhecimento, de modo a **encontrar propostas de um Qualis que seja metodologicamente consistente e politicamente relevante para a consolidação das áreas do conhecimento.** Entende-se que o CTC-ES da CAPES determinou alguns princípios, como o de "Qualis único", em que uma revista deverá ser classificada em apenas uma área da CAPES, e o de "Área mãe", em que a revista será classificada pela área em que os docentes e discentes vinculados aos programas possuem maior número de artigos publicados. Porém, além das diretrizes

estabelecidas pelo CTC-ES, depreende-se que os procedimentos para a classificação das revistas no âmbito de uma área mãe podem ser desenhados pelas próprias áreas, utilizando critérios próprios, sejam eles quantitativos e/ou qualitativos.

Diante das considerações apresentadas, uma comissão de docentes do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília (PPGCINF) foi instituída para analisar a proposta do Qualis Periódicos para a área Comunicação e Informação a ser empregada no quadriênio. Apesar da possibilidade de serem tecidas considerações e questionamentos amplos sobre o Qualis como um todo, a comissão teve o **intuito de refletir sobre os impactos do instrumento especialmente na área de Comunicação e Informação e, mais detalhadamente, para a subárea de Ciência da Informação.** A única intenção da Comissão é de colaborar para o aperfeiçoamento do Qualis Periódicos levando em conta exclusivamente informações e dados oficiais fornecidos pela própria CAPES¹, mas, não deixando de considerar outras experiências e análises.

As considerações emitidas pela comissão do PPGCINF/UnB a respeito dos critérios adotados e dos resultados de sua aplicação não possuem nenhuma intenção político-partidária. Em nenhum momento questiona-se o comprometimento e profissionalismo dos envolvidos direta e indiretamente na elaboração da proposta do Qualis Periódicos para a área de Comunicação e Informação e dos seus coordenadores. Salienta-se que as **considerações apresentadas pela comissão do PPGCINF/UnB visam estimular o debate, devendo ser discutidas, questionadas e até mesmo refutadas pela comunidade da área de Comunicação e Informação.**

Antes de apresentar as considerações, críticas, dúvidas e proposições é importante destacar que:

- este documento subscreve diversos argumentos apresentados no "Manifesto sobre o novo Qualis 2020", elaborado pelos Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFSC e Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação da UDESC;
- considera e adapta os posicionamentos e críticas expostas na "Carta aberta sobre a proposta do Qualis Periódicos" publicada pelo Fórum de editores do portal de Periódicos da FIOCRUZ e nas "Considerações sobre a proposição do Qualis-referência sob o olhar da enfermagem – documento elaborado a partir da reunião dos editores das revistas de enfermagem que integram o portal REVENT/BVS-enfermagem/coleção scielo enfermagem";
- é possível que o acesso a determinados dados não divulgados pela CAPES e/ou não localizado pela comissão do PPGCINF/UnB, poderia ter sido suficiente esclarecer algumas das considerações e questionamentos colocados;
- eventuais aspectos positivos, relacionados com o conjunto de critérios estabelecidos e com os resultados de sua aplicação, não são considerados neste documento, mas reconhece-se os esforços dos envolvidos na elaboração da proposta apresentada.
- as considerações emitidas focam nos aspectos que suscitaram dúvidas, ou avaliados como passíveis de aperfeiçoamentos, ou considerados como potencial impacto negativo para a área de Comunicação e Informação e, sobretudo, para a subárea de Ciência da Informação;

¹ Informações contidas nos "Relatório do Qualis Periódicos" das áreas e dados oficiais de planilha contendo a lista de veículos de publicação (periódicos e não periódicos) da área para atualização da classificação referente ao Qualis Periódicos do período de 2017 a 2018

- é importante destacar que o debate fortalece o fazer científico de uma área, ampliando o espaço da arena de modo que questionamentos fundamentados ocorram como mecanismo necessário e desejado para o fortalecimento das decisões que impactam na área;
- as considerações são feitas em quatro blocos. O primeiro (1) diz respeito a considerações gerais sobre a avaliação, o Qualis e seus possíveis impactos políticos-econômicos na universidade, nas revistas e nos sistemas de pós-graduação. Com base nesse primeiro bloco, o segundo bloco (2), destaca alguns pontos cruciais relacionados com os critérios de classificação presentes no "Relatório do Qualis Periódicos" da área "Comunicação e Informação" e a adoção exclusiva de indicadores bibliométricos. O terceiro (3), por sua vez, aprofunda reflexões suscitadas a respeito os pontos críticos relacionados com a aplicação dos critérios e a incoerência do modelo de regressão aplicado à área de Comunicação e Informação. Por fim, o quarto bloco (4) sintetiza, em formato de tópicos, questionamentos, reflexões, críticas e sugestões a partir das análises realizadas.

1. Considerações gerais sobre a avaliação, o Qualis e seus e possíveis impactos políticos-econômicos na universidade, nas revistas e nos sistemas de Pós-graduação

O resultado do processo de avaliação dos programas de pós-graduação no próximo quadriênio determinará os rumos da pós-graduação brasileira. O crescimento, diminuição ou estagnação de áreas do conhecimento sob direta influência das decisões formuladas e estabelecidas neste momento. **A proposta metodológica do Qualis Referência deve considerar o momento político-ideológico atual**, visto que há possibilidade deste instrumento ser utilizado para decisões, estratégias e políticas com vistas à valorização de certas áreas e desvalorização de outras. O resultado da avaliação poderá fornecer subsídios para interpretações parciais e artificialmente construídas de modo a induzir políticas de fomento, como, por exemplo, a definição de parâmetros para distribuição de bolsas de pós-graduação, pós-doutorado, professor visitante, etc. Apesar de ter sido planejado para a avaliação de programas de pós-graduação, o Qualis tem sido largamente utilizado para a avaliação docente em diversos outros contextos, como é o caso da promoção em carreira docente, concorrência em editais de fomento a pesquisa, distribuição de recursos entre universidades e dentro destas. No momento atual, considera-se que **não se pode pensar em uma avaliação, e, portanto, na proposta de um Qualis, descolada da perspectiva global e comparativa do conjunto dos programas de pós-graduação, áreas do conhecimento e universidades.**

Diante dessas observações, é fundamental questionar: a proposta do novo Qualis Periódicos da área de Comunicação e Informação está considerando porcentagens ou proporcionalidades de revistas distribuídas nos estratos em consonância com outras áreas do conhecimento? Caso a resposta seja negativa ou caso tal aspecto não tenha sido considerado, deparamo-nos com a **possibilidade concreta de ocorrer avaliações simplistas dos cursos, bem como usos questionáveis e parciais do Qualis.** Um exemplo é a possibilidade de serem criadas políticas para fomentar programas de pós-graduação que possuem maior proporcionalidade de artigos publicados em revistas mais bem qualificadas, desconsiderando as particularidades entre as áreas. Levando em conta tais aspectos, afirma-se que o resultado da classificação de revistas presente no Qualis da área de Comunicação e Informação que foi divulgado dá margem a esse questionamento.

Um exemplo disso é a constatação da inexistência de revistas brasileiras ou estrangeiras específicas da subárea de Ciência da Informação classificada no estrato A1.

O Qualis como instrumento político de fortalecimento ou enfraquecimento do campo

Mesmo que o princípio do “Qualis único” e de “Áreas mãe” constitua uma determinação do CTC-ES da CAPES, é importante apontar problemas decorrentes que devem ser considerados pela área de Comunicação e Informação. Embora a reversão deste princípio não esteja em pauta, alguns de seus **efeitos negativos podem ser amenizados a partir dos critérios adotados para a classificação de revistas da área**. Um dos problemas é a possibilidade concreta de **migração de pesquisas da área para outras áreas do conhecimento com intuito de se buscar revistas mais bem avaliadas**. A subárea de Ciência da Informação em especial, enquanto área reconhecidamente interdisciplinar, poderá ter suas pesquisas redirecionadas teórica e epistemologicamente para outras áreas do conhecimento de modo a serem escoadas para revistas mais bem qualificadas, visto que no novo Qualis **não há veículos próprios desta disciplina classificados no estrato A1**. Esse escoamento da produção para outras revistas de outras “Áreas mãe” poderá **causar pulverização e redirecionamento das agendas de pesquisas área de Ciência da Informação, causando enfraquecimento do campo, além do enfraquecimento da própria área Comunicação e Informação** na CAPES.

Diante das considerações apresentadas questiona-se: o número de revistas da área de Comunicação e Informação e, mais especificamente, da área de Ciência da Informação nos maiores estratos possibilitam a fixação de pesquisadores nas revistas reconhecidamente relevantes para as áreas? Houve esforços para que não ocorresse diferenças nas proporções de revistas distribuídas nos estratos das áreas de Comunicação e Ciência da informação quando comparado com as outras áreas da CAPES? Houve a preocupação com a proximidade na proporção das revistas das áreas (Ciência da Informação, Comunicação e Museologia) que compõem a área de Comunicação e Informação, considerando suas particularidades de produção e citação?

O Qualis como instrumento indutor de qualificação e profissionalização das revistas científicas

O Qualis, enquanto instrumento que qualifica revistas para fins de avaliação de programas de pós-graduação, inevitavelmente, acaba por **induzir o comportamento de revistas científicas**. Quando o Qualis aponta parâmetros de qualidade desejáveis para revistas, estas **direcionam suas políticas editoriais, melhoram seus indicadores formais e de qualidade de conteúdo, aperfeiçoam suas estratégias e esforços para indexação em bases de dados, etc.** Do ponto de vista político, o Qualis tem a capacidade de induzir o aumento e consolidação de revistas de acesso aberto, situação desejada pela comunidade científica internacional em todas as áreas do conhecimento. Nos parece que o novo Qualis da área de Comunicação e Informação, baseado, quase que exclusivamente, em indicadores bibliométricos, desprezou a sua importância enquanto instrumento político-diretivo para a melhoria das revistas e alinhamento a princípios internacionalmente defendidos.

Apesar do Relatório final Qualis Periódicos da área de Comunicação e Informação indicar explicitamente que “Os periódicos científicos precisam atender [...] critérios para ampliar sua visibilidade e possibilitar a indexação em bases de dados nacionais e

estrangeiras”, não é perceptível que estes tenham sido critérios efetivamente utilizados para fins de classificação das revistas. A aplicação praticamente exclusiva dos indicadores bibliométricos para a classificação de revistas certamente influenciará no comportamento da área. Nesse sentido, **poderá haver aumento artificial dos índices de citações das revistas de modo a alcançarem maior estrato Qualis, em detrimento dos aspectos qualitativos de avaliação de revistas científicas.**

Todavia, a comissão do PPGCINF considera que o uso de indicadores bibliométricos pode ser utilizado, desde que com as devidas cautelas. É recomendável que a **adoção desses indicadores pode ser uma opção acertada quando motivada pela necessidade de induzir melhorias nas revistas.** Estas poderão, por exemplo, buscar formas de melhorar a seleção de artigos, a descrição e padronização dos dados de revistas de modo ampliar a visibilidade e encontrabilidade, as estratégias de divulgação dos artigos (por exemplo, inclusão em repositórios institucionais), indexação das revistas em bases de dados, a ampliação da publicação de revistas bilíngues, etc. Do ponto de vista político - mas não avaliativo neste primeiro momento - até mesmo o aumento induzido de citações aos artigos de revistas brasileiras poderá crescer associado à relevância social e das pesquisas desenvolvidas pela área.

Diante desses entendimentos, algumas questões são levantadas: a proposta do novo Qualis levou ou poderia levar em consideração a profissionalização dos periódicos brasileiros da área de Comunicação e Informação? Seria possível utilizar uma estratégia de classificação das revistas que **combinasse indicadores bibliométricos e qualitativos a partir de uma perspectiva estratégica de fortalecimento da área e não exclusivamente avaliativa?** Sabe-se que a metodologia empregada pela área de Comunicação e Informação em sua proposta para o Qualis não é totalmente quantitativa, havendo a possibilidade de alteração de percentuais de estratos pela Comissão de 30% em um ou dos níveis. Diante desse fato, questiona-se: isso representa a possibilidade efetiva de alteração de 30% das revistas para estratos maiores ou menores? Quais foram os **critérios utilizados para a alteração dessas revistas pela Comissão da área, visto que o percentual de arbitrariedade é extremamente alto?** Esses critérios foram ou poderiam ser qualitativos? Por que esse critério não foi utilizado para fortalecer revistas em estratos superiores, como forma ter, ao menos, uma revista brasileira da Ciência da Informação no estrato A1?

O papel do Qualis como estimulador da internacionalização

A relevância da internacionalização da ciência brasileira é tema que possui certo consenso na atualidade. As diretrizes de internacionalização estão presentes nas normativas da CAPES, em planos de internacionalização das universidades e dos programas de pós-graduação, nas políticas editoriais de revistas científicas brasileiras, em editais específicos, a exemplo do CAPES Print (que visa estimular a internacionalização das universidades). **Acredita-se que as áreas de Comunicação e Informação devem, em alguma medida, buscar a internacionalização.** Naturalmente, para tanto **há que se considerar as necessidades e características das áreas e subáreas do conhecimento.** Algumas áreas do conhecimento possuem pouco interesse e penetração internacional, porém, possuem pesquisas de grande impacto e relevância nacional, sendo um exemplo emblemático a área de Saúde Pública. Outras áreas são internacionalizadas há décadas, inclusive, por características de seu modo de produção do conhecimento, havendo proeminência de artigos publicados em revistas “Indexadas na Web of Science” tais como

as áreas de física e química. **Não se espera, portanto, que a área de Comunicação e Informação, passe a publicar unicamente ou prioritariamente em revistas *mainstream* em inglês.**

Todavia, para algumas subáreas da Ciência da Informação a internacionalização é bem-vinda e necessária. A despeito disso, **no relatório Qualis há indícios claros de que área de Comunicação e Informação está desvalorizando revistas internacionais**, visto que muitas foram classificadas em estratos mais baixos, mesmo possuindo índices h5 superiores. Não estamos considerando a supervalorização das revistas internacionais em detrimento das nacionais, mas sim apontando para a necessidade de busca de um denominador comum. Ao analisarmos os dados do Qualis proposto, constatamos que as revistas que estão indexadas em bases de dados internacionais, em geral, foram subvalorizadas.

Um possível grave problema decorrente da desvalorização de revistas indexadas em bases de dados internacionais é de que as revistas brasileiras percam o interesse de buscar (ou permanecerem) a indexação em importantes bases de dados. Diversas áreas do conhecimento nas suas avaliações sobre o Qualis estão questionando a supervalorização das revistas internacionais, porém, **no caso da área de Comunicação e Informação as revistas internacionais nos parecem subvalorizadas, podendo interferir no processo de internacionalização da área (e das revistas brasileiras)**. Com isso, questionamos: seria possível encontrar um denominador comum que desse conta de valorizar tanto as revistas nacionais quanto às internacionais de modo que o estímulo à internacionalização da área de Comunicação e Informação não seja desestimulado?

A ineficiência do uso do modelo de regressão para correlacionar CiteScore, JIF, h5 e percentis Scopus e JCR e o uso único do h5

Outro ponto que merece reflexão refere-se aos possíveis **vieses na aplicação do modelo de regressão aos indicadores bibliométricos utilizados, a saber: CiteScore, JIF, h5 e percentis Scopus e JCR**. O uso exclusivo desses indicadores por si já seria controverso por diversos motivos. Reconhece-se os pontos positivos dos indicadores bibliométricos, no entanto, estes precisam ser utilizados com cuidado. Provavelmente, quanto mais internacionalizada a área do conhecimento, menores serão os questionamentos quanto ao uso desses indicadores. Contudo, quanto mais nova, imatura e de alcance regional, como é o caso da área de Comunicação e Informação, maiores serão as **dificuldades de se encontrar um modelo de avaliação baseado em indicadores que seja suficientemente consistente**. Os problemas metodológicos do modelo de regressão apontam para um problema central no Qualis Referência: a **falta de correlação entre esses três diferentes índices**. Pela centralidade dessa questão, uma análise mais detalhada será apresentada na seção 3 do presente documento.

Diante da ineficiência do modelo de regressão, a adoção de um único indicador poderia ser considerado suficiente. Em princípio, a escolha do h5 poderia ser considerada uma solução natural, visto que grande parte das revistas listadas no relatório Qualis contam com esse indicador (diferentemente dos demais indicadores). No entanto, é importante não perder de vista que o **h5 foi formulado para a avaliação de pesquisadores individuais e não revistas científicas**. A mediana do h5 das revistas da área de Comunicação e Informação é demasiadamente baixo, girando em torno de 4. **Nem mesmo do ponto de vista puramente quantitativo é possível afirmar que uma revista com índice h5=6 é superior a uma revista com h5=4 ou h5=2, pois, os índices são baixos na área e**

diferenças numéricas entre elas são insignificantes. Assim, porque uma revista com ao menos 6 artigos citados 6 vezes não pode ser considerada superior a uma revista com ao menos 2 artigos citados 2 vezes.

Outro ponto negativo do uso do h5 é que sua fórmula de cálculo, pensada para indivíduos, **sofre interferências em decorrência do tamanho da comunidade científica área e da produção publicada.** Desse modo, o fato da área de Comunicação ser maior que a área de Ciência da Informação resultará em, provavelmente, maior produção de artigos, que serão mais citados e, conseqüentemente, haveria **maior índice h5 das revistas da área de Comunicação em detrimento das revistas da área de Ciência da Informação.** Com a constatação de que houve insucesso na aplicação do modelo de correlação e do fato de que apenas o h5 seria insuficiente, questionamos: existe a possibilidade da área repensar os critérios adotados para, de modo menos prejudicial, propor o Qualis para a área de Comunicação e Informação? Talvez em outras áreas do conhecimento maiores, mais consolidadas e já internacionalizadas o uso do h5 possa ser utilizado para a fins de classificação de revistas, ainda assim, com ressalvas. A comissão do PPGCINF **não considera recomendável o uso exclusivo do índice h5 para a classificação de revistas na área de Comunicação e Informação** para fins de avaliação de programas de pós-graduação brasileiros.

2. Pontos cruciais relacionados aos critérios de classificação e a adoção exclusiva de indicadores bibliométricos

A área "Comunicação e Informação" encontra-se inserida na grande área "Ciências Sociais Aplicadas" (CSA), juntamente com "Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo", "Arquitetura, Urbanismo e Design", "Direito", "Economia", "Planejamento Urbano e Regional / Demografia" e "Serviço Social". Ao mesmo tempo em que **qualquer classificação de áreas do conhecimento seja artificial em alguma medida, também resguarda elementos que permitem aproximar áreas e distanciá-las.** Não é por acaso que as áreas citadas anteriormente estejam reunidas em uma grande área denominada "Ciências Sociais Aplicadas", mas sim em decorrência de algum grau de convergência de suas culturas epistêmicas, práticas de produção do conhecimento e, evidentemente, padrões de comunicação científica. Seria de se esperar que tal convergência também fosse refletida nos critérios adotados para avaliação dos veículos de publicação científica, mais particularmente os periódicos científicos. Ao analisar-se os "Relatório do Qualis Periódicos" de cada uma das áreas citadas das outras grandes áreas ("Ciências Humanas" e "Linguística, Letras e Artes"), **percebe-se grande diversificação nos procedimentos e metodologias adotadas para classificação de periódicos.** Partindo dessas observações, os seguintes questionamentos são feitos:

- é correto afirmar que o CTC-ES estipulou como critério e política **irrevogável o princípio do "Qualis único" e "Áreas mãe"** e que as áreas **possuem grau de autonomia para deliberar sobre os critérios que adotarão para classificar as revistas da sua área de responsabilidade?**
- por quais motivos a área "Comunicação e Informação" **não adotou procedimentos complementares ou alternativos ao uso dos indicadores bibliométricos** assim como as demais áreas constituintes da grande área "Ciências Sociais Aplicadas"?
- considerando que foi concedido às áreas a autonomia para permanecerem adotando procedimentos usados no quadriênio passado, quais razões levaram a

área "Comunicação e Informação" avaliar como mais adequado a total mudança nos critérios de avaliação de periódicos?

- qual o grau de autonomia concedido às áreas para adoção ou não dos indicadores CiteScore, Fator de Impacto JIF e h5 do Google Scholar (ou a relativização de seu uso)? Tal como muitas outras, a área "Serviço Social", de modo bastante tímido e limitado, adotou apenas o h5 do Google e manteve maior parte dos critérios do quadriênio anterior. As demais áreas fizeram uso combinado dos indicadores citados com critérios adotados no quadriênio anterior. **A área "Comunicação e Informação" foi a única que não sentiu necessidade de combinar critérios novos e antigos;**
- considerando que a orientação do GT Periódicos do Colégio de Humanidades apontou a necessidade de uma classificação que observasse a presença do periódico em bases de dados, por quais razões a área "Comunicação e Informação" não levou em consideração esta diretriz e adotou exclusivamente indicadores bibliométricos?
- todas as demais áreas das CSA combinaram o uso dos indicadores CiteScore, Fator de Impacto JIF e h5 do Google Scholar com critérios antigos OU adotaram apenas o h5 combinado com critérios antigos OU adotaram apenas critérios antigos com poucas modificações como medida de levar em consideração suas especificidades. Por quais razões a área "Comunicação e Informação" abriu mão do uso combinado de outros critérios? Exemplo: todas as demais áreas em alguma medida adotaram a presença em bases de dados (Latindex, DOAJ, Redalyc, entre outros específicos das áreas);
- de todo o Colégio de Humanidades - "Ciências Humanas", "Ciências Sociais Aplicadas" e "Linguística, Letras e Artes" e suas 18 áreas, **apenas a área "Comunicação e Informação" não relativizou/flexibilizou/combinou o uso de indicadores bibliométricos (uso combinado com outros critérios OU uso apenas do h5 combinado com outros critérios OU não adoção de indicadores bibliométricos).** Quais razões levaram a esta decisão?

3. Pontos críticos relacionados à aplicação dos critérios e a incoerência do modelo de regressão replicado à área de Comunicação e Informação.

Com a análise dos dados da planilha disponibilizada pela CAPES, do total de revistas apresentadas na aba "veículos" da planilha, há um total 451 revistas, sendo que 31 (6,9%) possuem JIF, 76 (16,9%) possuem CiteScore e 376 (83,4%) possuem h5. Posto essa distribuição de indicadores entre a população das revistas utilizadas para atribuição do Qualis, foi feita uma análise de correlação (utilizando o algoritmo de Pearson) entre a avaliação Qualis (normalizada para valores numéricos ordinais) e os indicadores JIF, CiteScore e h5, obtendo-se o seguinte resultado²:

A. Qualis X JIF = 0,78 (alta correlação)

B. Qualis X CiteScore = 0,72 (alta correlação)

² Os valores de correlação foram interpretados conforme sugerido por Hinkle DE, Wiersma W, Jurs SG. Applied Statistics for the Behavioral Sciences. 5th ed. Boston: Houghton Mifflin; 2003.

C. Qualis X h5 = 0,64 (correlação moderada)

A partir dos resultados apresentados na análise acima, percebe-se que os indicadores JIF e CiteScore são mais influentes em prever os resultados do Qualis do que o h5, demonstrando que o h5 influenciou menos nos resultados finais. Considerando que o total de revistas com JIF e CiteScore é bastante baixo (17% no máximo), esse resultado indica que **as revistas que possuem esses indicadores foram mais beneficiadas no resultado do Qualis atribuído**. Questiona-se o fato, pois, entende-se que **há um viés estatístico que influencia uma parte pouco representativa das revistas da área da Ciência da Informação, sobretudo das brasileiras**.

No relatório do Qualis Periódicos fornecido, na página 06, a comissão parece reconhecer esse fato e apresenta o seguinte argumento: "Para que houvesse uma correlação entre os indicadores, a área técnica da CAPES utilizou um modelo de regressão que fez a correlação entre valores de h5 e CiteScore. Assim, para periódicos que só possuíam h5, foi possível estimar um valor correspondente de percentil". De fato, há na planilha de dados uma aba "regressão", onde aparece um relatório de análise estatística que parece indicar os resultados dessa regressão. No entanto, ao analisar detalhadamente os dados, vale levantar as seguintes questões:

- na planilha de dados são apresentadas 451 revistas, mas na análise de regressão é indicado que 468 casos foram usados para cálculo. **De onde vieram os 17 casos a mais?**
- do total de casos, 406 são descartados por possuírem valores ausentes, ou seja, não possuem CiteScore e h5 mutuamente, o que faz com que sejam descartados para cálculo da regressão. Sobram, portanto, **apenas 62 (13,2%) dos casos para cálculo de regressão**. Há estudos³ que demonstram que o uso de uma amostra pequena (menos de 500 casos) **pode gerar vários problemas que elevam a incidência de erros e, por consequência, conclusões possivelmente equivocadas sobre os dados**. Devemos trabalhar com esse tamanho de amostra para regressão?
- além da quantidade de casos, questiona-se o uso de regressão que será fortemente influenciado por um perfil muito restrito de revistas (16,9%) que possuem CiteScore. Essas revistas representam a realidade da área de forma adequada? Elas podem ser consideradas para prever o CiteScore das revistas que não o possuem?

Há outro aspecto preocupante nos resultados de avaliação apresentados. Foram indicadas 17 revistas no estrato A1, o que representa um total de 89 artigos publicados na tabela de dados. **No entanto, uma única revista - apenas a revista Matrizes - concentra 54 (60,7%) do total de artigos publicados**. Vale ressaltar que a revista é tipicamente da área da Comunicação, bem como a grande maioria das revistas no estrato A1. Algumas questões precisam ser problematizadas a partir disso:

- claramente se percebe que há **poucos artigos publicados nas revistas A1 da comunidade da Ciência da Informação**. Que efeitos isso trará para a avaliação Qualis dos programas de pós-graduação? É possível estarmos diante de um

³ <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18270/000728101.pdf?sequence=1>

resultado que pode levar a um rebaixamento geral dos programas por conta do baixíssimo nível de publicação no estrato A1, tal como o resultado final indicado;

- a **concentração massiva em um único periódico pode levar a distorções importantes**, tais como uma corrida de pesquisadores a publicarem nesse período sobrecarregando as demandas de avaliação e levando a uma redução expressiva de pesquisas publicadas ou mesmo a um maior período entre a submissão e publicação de resultados;
- nota-se que apenas **um único periódico brasileiro esteja no estrato A1 de uma área de conhecimento**, ainda mais com as características peculiares da área da Comunicação e Informação (um campo eminentemente nacional e com produção preponderantemente em periódicos nacionais). Não seria prudente um mecanismo de compensação tanto para valorizar a produção nacional qualificada quanto para desconcentrar de um único veículo?

4. Questionamentos, reflexões, críticas e sugestões a partir das análises realizadas

Considerando as análises e reflexões realizadas ao longo desse relatório sobre o Qualis Referência, de maneira sumarizada os principais pontos a serem observados a título de sugestão para a área de Comunicação e Informação:

- a baixa representatividade dos periódicos nacionais nas bases de dados que geram os três indicadores adotados irrestritamente pela área "Comunicação e Informação" introduz considerável **distorção na avaliação de periódicos nacionais reconhecidamente relevantes, especialmente por sua baixa presença no estrato A1**;
- salvo engano ou ausência de dados complementares, determinados procedimentos estatísticos se revelaram frágeis ao longo da classificação dos periódicos;
- a subárea "**Ciência da Informação**" **possui baixa presença em termos de periódicos classificado no estrato A1**. A despeito do fato de que uma determinada quantidade de revistas ascendeu na hierarquia dos estratos Qualis se comparados ao Qualis anterior, segundo a nova classificação programas desta subárea não atingem, até o presente momento, o mais alto patamar da produção intelectual qualificada. Esta condição representa rebaixamento do conhecimento produzido na subárea, com repercussão negativa para além da avaliação quadrienal;
- com exceção da área "Comunicação e Informação", **a totalidade de áreas das três grandes áreas do Colégio de Humanidades (17 áreas) adotou medidas para diminuir o impacto negativo da adoção de indicadores bibliométricos**. Ou seja, adotaram critérios próprios dentro dos limites de autonomia autorizado pela Diretoria de Avaliação;
- a adoção e os resultados da aplicação dos critérios de classificação da área "Comunicação e Informação" é uma sinalização clara da desvalorização do progressivo processo de indexação dos periódicos da área nas principais bases indexadoras. Tal medida pode representar retardamento na internacionalização da área;
- a área "Comunicação e Informação" **não pode prescindir do critério "presença em bases de dados"**, entre outros, como parte da classificação dos periódicos no estratos Qualis (evidentemente levando-se em consideração os limites). O fato de

maior parte das demais 17 áreas do Colégio de Humanidades terem considerado tal critério é um **senalizador mais que evidente do equívoco da decisão**;

- **é inviável a adoção isolada de indicadores bibliométricos** para critérios de classificação de periódicos das áreas de ciências sociais, ciências humanas e artes. A única área a desconsiderar esta perspectiva é a "Comunicação e Informação".

Recomendações

1. Considerar o Qualis como instrumento político de desenvolvimento da área e não exclusivamente um instrumento neutro de avaliação de programas de pós-graduação;
2. Adotar o novo Qualis a partir do próximo quadriênio. Isso porque os programas de pós-graduação elaboraram e já avançaram na implantação de seus planos tendo por base critérios anteriores (e já se aproxima o último ano do quadriênio). Caso a postergação seja inviável, sugerimos retomar parte dos critérios adotados no Qualis da área referente ao quadriênio anterior, como, por exemplo, o critério de classificação de revistas "presença em bases de dados" e outros elementos qualitativos;
3. Adotar como indicador bibliométrico para classificação de periódicos apenas o índice h5 (ou variações, como o índice h10). Distorções provocadas por esta decisão são mais facilmente contornadas com adoção de critérios subsidiários (combinação com outros critérios de classificação);
4. Ampliar o espaço para critérios qualitativos como elementos de avaliação e dar visibilidade a essas escolhas de forma objetiva;
5. Valorizar revistas nacionais de qualidade e incentivar seus movimentos de internacionalização e busca contínua pela melhoria da qualidade, bem como buscar formas de não desvalorizar revistas internacionais;
6. Rever e dar maior atenção aos procedimentos estatísticos em uso, considerando potenciais fragilidades e induções indesejadas, por vezes drásticas, aos rumos da área;
7. Ampliar a disponibilização de dados, o grau de discussão e transparência no processo decisório sobre os rumos da avaliação da área. É fundamental a inclusão de outros profissionais e pesquisadores no debate por meio de comissões que podem ser constituídas a partir das associações científicas (ANCIB e COMPOS). Isso pode contribuir para alargar a compreensão do tema e gerar espaço para reflexões necessárias para a melhoria do sistema de avaliação.

Prof. Dalton Lopes Martins

Prof. Fernando César Lima Leite

Prof. João de Melo Maricato

Profa. Michelli Pereira da Costa

Comissão de Docentes do PPGCInf/UnB

Brasília, 08 de setembro de 2019.

